

Carta Mensal
Dezembro de 2017

O AMBIENTE ECONÔMICO PARA INVESTIMENTOS

Repetindo a história descrita em nossos informes anteriores, o panorama internacional segue francamente favorável sob a ótica dos indicadores econômicos. A sustentação do crescimento se dá em bases mais sólidas, sendo difundida entre diversas regiões geográficas e setores. Com o momentum da atividade tão impetuoso, fica complicada qualquer aposta na iminência de uma reversão de ciclo.

Índice de Gerentes de Compras Global (PMI)



Fonte: Bloomberg

Nos Estados Unidos, o PIB do terceiro trimestre foi revisado para cima, alcançando 3,3% em termos anualizado, com auxílio crescente dos investimentos. O consumo, embora com revisão marginal para baixo, ainda tem bastante respaldo, haja vista a evolução benigna do mercado de trabalho, do crédito e da confiança.

Índice de Surpresas Econômicas - EUA



Fonte: Bloomberg

Na Europa, diversos números apontam impressionante aceleração, com dados qualitativos sugerindo expansão cada vez mais forte do PIB, que já registra 18 trimestres consecutivos de crescimento. O crédito flui de maneira vigorosa, sustentando a demanda interna via consumo e investimentos.

A China demonstrou certa perda de ímpeto recentemente, inclusive no setor imobiliário, que representa boa parte do esteio da economia. No entanto, nada sugere um "pouso forçado", mantendo-se a visão consensual de avanço da ordem de 6% a 6,5% do PIB. Ainda é grande a crença de que o governo dispõe de habilidade e instrumentos suficientes para enfrentar os reconhecidos desequilíbrios macro e microeconômicos, fazendo os ajustes de forma relativamente ordenada. As próprias bolsas emergentes, diante de uma valorização expressiva e longa, refletem essa percepção mais construtiva.

Índice de Surpresas Econômicas (China)



Fonte: Bloomberg

Apesar da conjuntura benigna, análises pessimistas também ganham corpo, embora estejam longe de ser consenso e de ditar a tônica dos ativos. A própria extensão do ciclo de crescimento nos EUA traz preocupações,

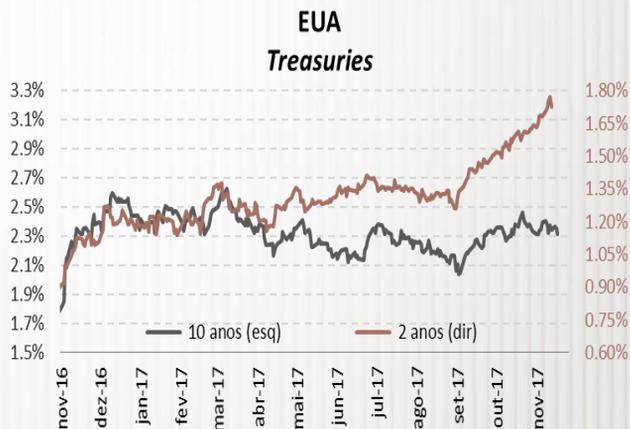
pois já bate recordes históricos. Há um receio tácito por parte de analistas de que o ciclo possa “morrer” pela idade. Não há nada de tão científico nesta constatação, mas quanto maior a demora para acontecer uma natural correção, mais se debate o que poderia causá-la.

Tradicionalmente, a irrupção de um processo recessivo se dá pela emergência da inflação, que exige aperto monetário pelos bancos centrais, induzindo a um esfriamento da economia. Por ora, no entanto, esse não parece ser um caminho provável. Ainda que o seja, não será deflagrado agora. Alternativamente, uma eventual crise pode decorrer de quedas no preço dos ativos financeiros, se for verdade que os mesmos estão em níveis injustificavelmente elevados, alimentados pela ampla liquidez global. O dinheiro colocado na economia pelos bancos centrais não se traduziu em inflação de bens na economia real, mas pode ter materializado a inflação de ativos. A correção destes eventuais excessos poderia redundar em aperto das condições financeiras (alta de juros, queda da bolsa, aumento de spreads...) o que, conseqüentemente, bateria na atividade real. Para tanto, ainda parece difícil enxergar um estopim. Ele poderia advir de questões políticas, geopolíticas, reformas mal estruturadas, barbearagem na política monetária etc. Enfim, os caminhos são vários, mas nenhum que se enxergue de forma mais concreta.

Em suma, contrapondo o momento conjuntural positivo às preocupações descritas, nos parece ainda que o primeiro continua prevalecendo.

Sobre a reforma tributária norte-americana, o

Senado deve concluir a votação no plenário ainda nesta semana, dando mais um passo para que haja a reconciliação de seu texto com o já aprovado na Câmara dos Deputados. O percurso ainda é longo e cheio de obstáculos, mas os mercados ficam mais otimistas com a perspectiva de que algo seja concretizado nos próximos meses, mesmo que não necessariamente em 2018. Isso, inclusive, alimenta as expectativas de crescimento dos EUA, colaborando com a visão de que o Federal Reserve (Fed) talvez precise subir os juros mais rapidamente. A presidente da Instituição, Janet Yellen, proferiu seu último testemunho atestando que a economia está bastante sólida, mas relatou que o cenário básico com que trabalha, expresso nas projeções do Fed, ainda é de aumento apenas gradual dos juros. Entretanto, aquilo que chama de gradual já é um ritmo mais acelerado do que os mercados precificam através das taxas negociadas nos títulos públicos. No fundo, o objetivo de Yellen é conseguir fazer com que o mercado incorpore seu cenário, considerando-o pouco restritivo. O próximo presidente do Fed, Jerome Powell, em audiência no congresso, somente reforçou a visão da atual comandante da autoridade monetária. O ponto que mais chama a atenção em seu discurso, porém, é a posição em relação à regulação financeira, sobre a qual diz que não se pode apertar mais, sinalizando positivamente para os bancos.



Fonte: Bloomberg

AMBIENTE INTERNO

A aproximação de uma suposta data limite para a votação da reforma da previdência, imposta pelo calendário eleitoral, está deixando o mercado bastante apreensivo. Se assumido que após dezembro o tema se torna inviável, este deadline pode representar a transição para um cenário binário (muito bom, se aprovada, ou muito ruim, caso contrário). Neste contexto, os ativos ficam mais sensíveis e vulneráveis, gerando fortes níveis de volatilidade.

No âmbito geral, reina muita confusão na política, com desorganização de importantes legendas e lideranças sem norte. O governo trabalha com bastante afinco para emplacar a previdência, buscando caminhos para angariar apoio, mas o tempo passa e as declarações mais recorrentes de parlamentares são de que não há votos suficientes. A cisão no PSDB é sintomática da fragmentação de posições, pois uma legenda que historicamente defendeu as reformas, agora se depara com divisões sobre sua visão programática. No entanto, com a ascensão de Geraldo Alckmin à presidência do partido, o que se materializará em dezembro, espera-se que seja alcançada maior unidade. Os dias iniciais de dezembro serão cruciais em termos de acontecimentos políticos, tendo em vista os encontros entre Michel Temer e as lideranças de bancadas, e a atuação de Rodrigo Maia nas negociações com os parlamentares.

O tema eleitoral está cada vez mais presente, muito embora não seja predominante para impactar os mercados. Um dos destaques recentes foi o artigo em que Luciano Huck dizendo que não será candidato, após um

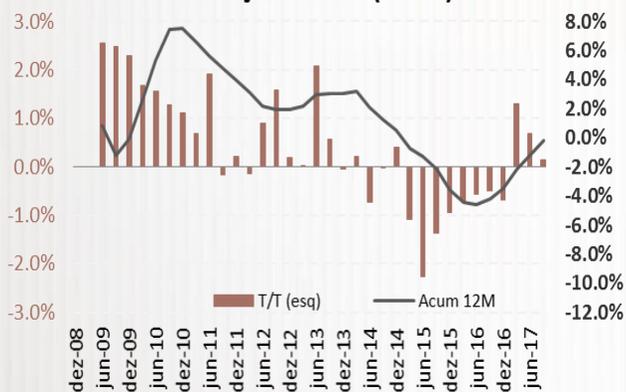
crescente rumor e especulações em torno de seu nome. A pergunta que muitos se fazem é se existe espaço para os chamados “outsiders” da política, ou se no fim serão realmente os nomes tradicionais que liderarão a corrida. Qualquer resposta hoje parece precipitada, mas no fundo a maior preocupação dos mercados é se será pavimentado o caminho para uma coalizão de centro direita no que diz respeito à agenda econômica.

É fato que as medidas econômicas do governo já dão evidentes frutos, embora isso não se traduza em maior popularidade para Michel Temer. No entanto, a animosidade e a mobilização das ruas estão bastante contidas, haja vista a melhora do emprego e a inflação controlada. Se o mercado de trabalho continuar nesse ritmo, difícil assumir que a defesa desse legado não será algo positivo. Porém, sabe-se que as eleições de 2018 não serão determinadas somente pela economia, mas também por bons programas na área da segurança pública. Nesse sentido, fica a dúvida sobre quem trará as propostas mais consistentes. Hoje, ainda sem substância formalizada em uma plataforma, Jair Bolsonaro representaria o combate à violência e à corrupção, para uma parcela da sociedade. No entanto, cabe observar se essas expectativas serão atendidas com a apresentação de conteúdo sólido e se a ausência de coligações com partidos com estrutura e capilaridade permitirá bom desempenho.

Quanto às estatísticas econômicas, os dados continuam indicando continuidade do crescimento. O PIB do terceiro trimestre registrou avanço de 0,1% em relação ao período imediatamente anterior. Essa virtual estabilidade foi acompanhada de revisões positivas no segundo trimestre, levando a crer que o crescimento em 2017 poderá se situar

em patamares superiores a 0,73%, número que representa atualmente a mediana das expectativas segundo o relatório Focus do Banco Central. Na abertura do indicador, notamos que sob a ótica da oferta tanto a indústria quanto o setor de serviços contribuíram para o desempenho positivo no período, ao registrarem avanço de 0,8% e 0,6% respectivamente, enquanto que o agropecuário teve contração de 3%. Olhando pelo lado da demanda, o crescimento foi puxado pelo consumo das famílias (1,2%), pelos investimentos (formação bruta de capital fixo) (1,6%) e pelas exportações (4,1%), em relação ao segundo trimestre. Isso demonstra que, paulatinamente, o reaquecimento da atividade econômica está se dissipando entre os setores, podendo dar maior ímpeto para a recuperação à frente.

Evolução do PIB (Brasil)

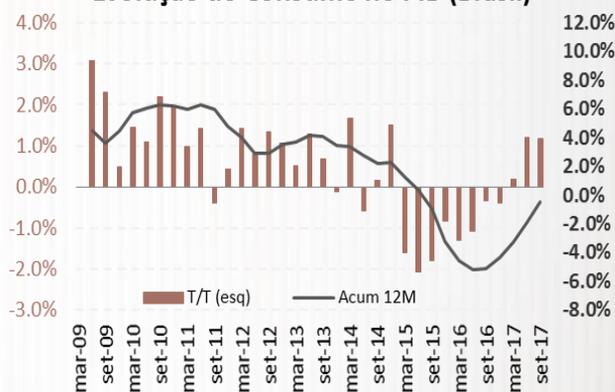


Fonte: Bloomberg

Olhando para 2018, cremos que o consumo continuará sendo sustentado pela melhora do mercado de trabalho, pelos ganhos de renda e pela recuperação do crédito à pessoa física. A queda da taxa de juros ainda vai significar uma liberação de renda importante para as famílias, bastante superior ao que foi injetado via liberação de FGTS em 2017. Em paralelo, os investimentos tendem a ganhar tração, embora haja limitações impostas pelas incertezas eleitorais, pelo excesso de capacidade ociosa na indústria e o ainda alto

endividamento das empresas. No entanto, ressaltamos que a tal ociosidade não é homogênea, pois diversos setores, como a infraestrutura, operam no limite. Em outros, a simples reocupação de plantas paradas exige investimentos de atualização e renovação por alguma obsolescência. A base deprimida é um outro fator que conspira a favor da aceleração dos investimentos, haja vista que os mesmos caíram cerca de 30% nos últimos anos. Por fim, as baixas taxas de juros têm sido um importante argumento para que empreendedores optem por investir na economia real, dada a comparação dos retornos esperados e o custo de oportunidade. É lógico que as restrições ao crédito ainda impedem muitos projetos, mas as empresas e empresários bem capitalizados devem se sentir mais encorajados agora.

Evolução do Consumo no PIB (Brasil)



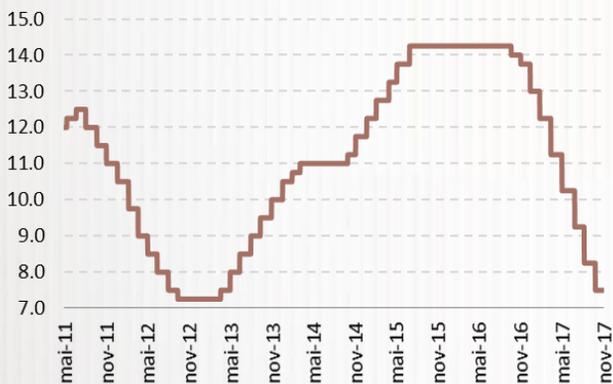
Fonte: Bloomberg

O Banco Central deve promover mais uma queda da Selic no início de dezembro, levando-a para 7,5% ao ano. Com o fluxo de indicadores de inflação ainda muito deprimidos, não há razão óbvia para que indique, neste momento, que esse será seu último movimento. É compreensível que sinalize, por ocasião de sua próxima reunião, que manterá a janela aberta para a continuidade do afrouxamento monetário no próximo ano. Porém, no nosso entender, as condições atuais não pedem estímulos

adicionais. Em que pese a baixa inflação corrente e as projeções para o IPCA da ordem de 4% em 2018, portanto abaixo da meta de 4,5%, vale notar que aos níveis atuais as taxas de juros já são suficientemente baixas para apoiar a retomada da economia. Ademais, não se pode esquecer que também houve muitos fatores específicos, e que não devem se repetir, que contribuíram sobremaneira para a desinflação atual, como no caso da alimentação. Olhando para frente, principalmente em ano eleitoral e em que pode haver surpresas negativas de diversas naturezas, não convém o Banco Central tomar muito risco.

Por ora, seguimos com alocação overweight em renda variável e juros reais, mas reconhecemos que o momento é de extrema cautela. A proximidade do desfecho (favorável ou não) para a reforma da previdência exige muita atenção e flexibilidade. Estamos atentos para eventual necessidade de reavaliação das posições, mas ainda confiantes nos fundamentos econômicos já em processo de melhora. Agora é necessário calibrar a sensibilidade em relação a quais serão os preços dos ativos compatíveis com o status das reformas.

**Evolução da Taxa Básica de Juros - %
(Selic)**



Fonte: Bloomberg

JUROS NOMINAIS

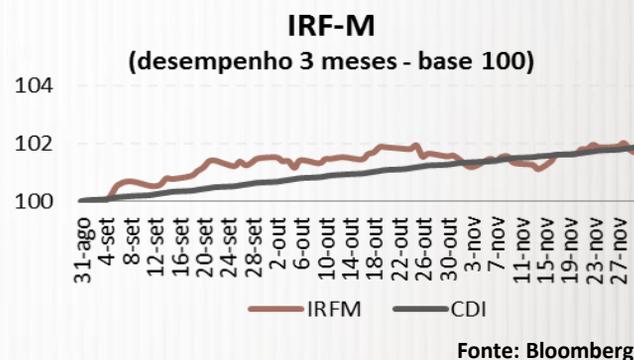
No conjunto, os ativos prefixados nominais encerram novembro próximos da estabilidade, com o índice de referência, IRF-M, registrando ganho de +0,09% no período. Apesar de permanecer acima do CDI na janela de doze meses (146% CDI), o resultado deste último mês ficou abaixo da aplicação pós-fixada por conta da elevação expressiva das taxas prefixadas de vencimentos intermediários e longos. Estas respondem em boa medida às incertezas relacionadas à reforma previdenciária, enquanto as curtas são mais sensíveis às expectativas sobre a política monetária. Neste caso, uma vez que os números de inflação continuaram registrando queda, é incorporado um aumento de probabilidade de que o Banco Central possa continuar cortando a Selic para baixo dos 7% ao ano.

Pensando em um horizonte maior do que 12 meses, há pouca visibilidade sobre o momento em que será necessário fazer um ajuste de alta nos juros básicos. Em princípio, a demanda doméstica tão deprimida permite que se possa crescer sem pressões inflacionárias e, conseqüentemente, sem necessidade de aperto monetário. Porém, há dúvidas sobre o real nível de ociosidade da economia, pois ele depende também da capacidade de oferta, que pode ter diminuído bastante. Em conjunto com os receios sobre a dinâmica fiscal, considerando um nível de dívida sobre PIB já muito elevado, não se pode desconsiderar problemas para a inflação decorrentes de choques de outra natureza, que não o aumento de demanda.

Neste contexto, os títulos prefixados precificam aumentos expressivos da Selic (cerca de 400 pontos base, até 11% ao ano) entre o fim de 2018 e ao longo de 2019, para compensar os riscos de cenários não aderentes ao que projetam a maior parte dos economistas, para os quais os juros básicos ficarão parados por muito mais tempo em patamares deprimidos, com alta apenas tímida num futuro mais distante.

Não parece incoerente assumir que há exagero nas taxas longas tão elevadas, podendo haver recuo e, portanto, oportunidades de ganhos nessas posições. Porém, tampouco soa razoável imaginar que tal inflexão ocorrerá imediatamente, em um momento de tanta incerteza. A volatilidade elevada pode levar a movimentos irracionais, descolados de qualquer fundamento.

Seguimos com o posicionamento neutro para a classe de ativo, mas alertando para a sua importante contribuição na diversificação das carteiras que estão excessivamente concentradas em ativos pós-fixados. Mantemos recomendação tática de realização de lucro em títulos prefixados com vencimentos muito curtos, pois consideramos que os prêmios destes estão mais reduzidos.



Classes de Ativos	Posicionamento		
	Underweight*	Neutro	Overweight*
Juros Nominais	+	-	+

Fonte: Santander Private Banking

JUROS REAIS

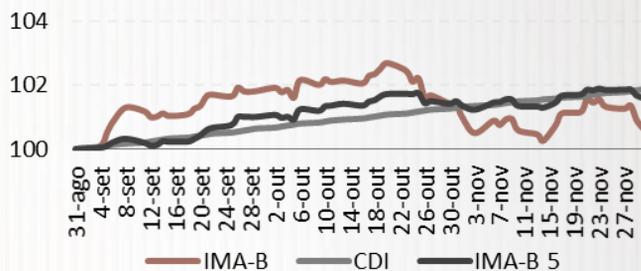
Os juros reais também encerraram o mês de novembro com retornos divergentes entre os títulos de curto prazo (referência IMA-B5) e os títulos de médio e longo prazos (referência IMA-B). O índice IMA-B5 registrou ganho de 0,10% no período, enquanto o IMA-B recuou 0,76%. Já no acumulado de 12 meses, ambos apresentam retornos superiores a 13%, acima de 120% do CDI.

Assim como nos juros nominais, o desempenho mais adverso no último mês também decorreu do incremento das incertezas em relação à previdência, em conjunto com o noticiário envolvendo os temas de eleição.

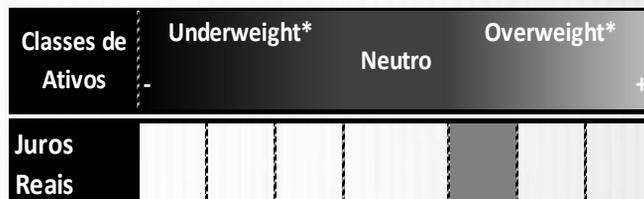
Apesar de toda turbulência, reforçamos o nosso posicionamento overweight nesta classe de ativos. Nos atuais níveis, as taxas reais parecem suficientemente elevadas em relação ao que se espera a longo prazo de ganhos do CDI em excesso ao IPCA. Ademais, a remuneração indexada à inflação atua como importante proteção frente às oscilações de seu componente prefixado. É notável a boa relação de risco retorno que a classe apresentou nos últimos anos, ao se mostrar mais defensiva em certos momentos de piora do cenário, mas se beneficiando nos momentos de maior otimismo.

Reforçamos a atratividade de alguns títulos privados isentos de imposto de renda, além de oportunidades pontuais de realização de lucro nos papéis com vencimentos mais curtos.

IMA-B
(desempenho 3 meses - base 100)



Fonte: Bloomberg



Fonte: Santander Private Banking

RENDA VARIÁVEL

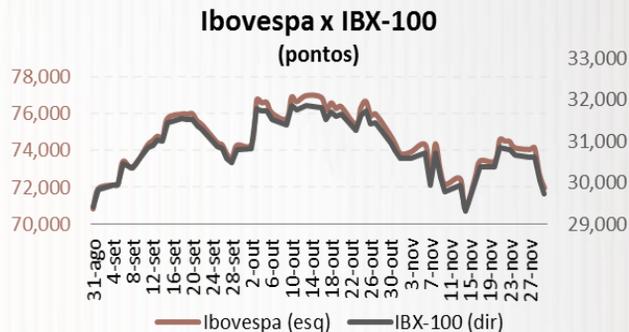
O Ibovespa cede cerca de 3,15% em novembro, reduzindo os ganhos acumulados no ano de 23,4% para 19,5%. Ao redor dos 71 mil pontos, o índice encontra-se em patamares 6,5% abaixo das máximas de outubro.

A volatilidade é crescente e a iminência da votação (ou não) da previdência torna a bolsa bastante sensível neste momento. A inflexão do crescimento foi em boa medida precificada, mas acreditamos que um conjunto de dados trazendo maior convicção de que o PIB pode avançar mais do que 3%, em não 2,5%, em 2018, talvez seja capaz de disparar novo rali do mercado acionário. Contudo, o horizonte até que os indicadores tragam tal segurança pode não ser tão curto, e a boa vontade para enxergar o “copo meio cheio” fica menor em meio a esta turbulência que antecipa as reformas.

Os mercados externos, por sua vez, continuam com trajetória positiva, apesar de soluços momentâneos. O MSCI dos emergentes cedeu apenas 0,4% no mês, enquanto o MSCI Brasil caiu 3,66%, aumentando a distância entre ambos. Em 2017, os emergentes ganham 32%, contra 17% do Brasil. Tudo o mais constante, a influência internacional segue francamente favorável.

O fundamento econômico a médio prazo continua sendo construtivo para a bolsa, mas reconhecemos as vulnerabilidades que se colocam neste instante. Observar os níveis de preços para proteger-se ou encontrar oportunidades é fundamental. Mantemos posição overweight, mas atentos para a necessidade de reavaliação caso necessário.

Aos investidores que não estão posicionados, vale aguardar um pouco os desdobramentos dos próximos dias, seja para comprar mais barato, ou para entrar com maior segurança na tendência de alta.



Fonte: Bloomberg

Classes de Ativos	Underweight*		Neutro		Overweight*	
	Renda Variável					

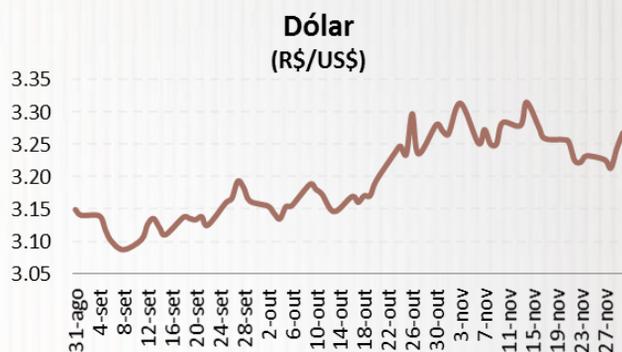
Fonte: Santander Private Banking

CÂMBIO

Apesar de o real encerrar o período de novembro praticamente estável, cotado próximo a R\$ 3,26/US\$, a divisa sofreu oscilações importantes, chegando a picos de R\$ 3,33 / US\$, e mínimas de R\$ 3,20/US\$.

Por ora, a divisa parece buscar uma acomodação técnica ao redor destes patamares, porém é razoável esperar um gradual aumento da volatilidade tendo em vista os desafios da reforma da previdência, o crescente debate entorno das eleições presidenciais, além dos ajustes fiscais e monetários em curso na economia norte-americana.

Apesar das turbulências, os fundamentos do balanço de pagamentos do Brasil seguem muito favoráveis, o que reduz a pressão de desvalorização da moeda. Isso pauta a manutenção da nossa visão neutra para a classe de ativo. Ainda assim, de forma tática, alertamos para a importância do câmbio como importante instrumento de diversificação e proteção do portfólio. Destacamos nossas sugestões de notas estruturadas que possuem assimetria favorável, com participação alavancada na alta do dólar e proteção do capital no cenário de valorização do real.



Fonte: Bloomberg

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro	Overweight*		
Câmbio							

Fonte: Santander Private Banking

RECOMENDAÇÕES

Classes de Ativos	Underweight*			Neutro	Overweight*		
	-						+
Juros Nominais							
Juros Reais							
Multimercado							
Renda Variável							
Câmbio							

* Underweight/Overweight representam recomendações abaixo/acima do patamar Neutro



Alocação do mês anterior

Fonte: Santander Private Banking

PROJEÇÕES ECONÔMICAS

	2015	2016	2017	2018
Crescimento mundial	3.4%	3.2%	3.6%	3.7%
Estados Unidos	2.9%	1.5%	2.2%	2.3%
Zona do Euro	2.0%	1.8%	2.1%	1.9%
Alemanha	1.5%	1.9%	2.1%	1.8%
Reino Unido	2.2%	1.8%	1.7%	1.5%
Japão	1.1%	1.0%	1.5%	0.7%
China	6.9%	6.7%	6.8%	6.5%
Brasil				
PIB - Crescimento real	-3.8%	-3.6%	0.8%	3.2%
IPCA (A/A)	10.7%	6.3%	3.1%	4.1%
IGP-M (A/A)	10.5%	7.2%	-0.4%	4.5%
Taxa Selic (fechamento)	14.3%	13.75%	7.00%	7.00%
Conta-corrente (% do PIB)	-3.3%	-1.3%	-1.1%	-1.3%
Taxa de Câmbio (fechamento - R\$/US\$)	3.90	3.26	3.20	3.30
Resultado Fiscal Primário (% do PIB)	-1.9%	-2.5%	-2.2%	-2.3%

Fonte: Santander Economia e FMI

ÍNDICES DE REFERÊNCIA

ATIVOS DOMÉSTICOS

Dados Atualizados Até: 30/nov/17

Referências	nov-17	3M	6M	12M	2017	2016	Duration
CDI	0.57%	1.94%	4.35%	10.59%	9.42%	14.00%	-
IMA-B	-0.76%	0.97%	6.25%	15.12%	11.91%	24.86%	7.25
IMA-B 5	0.10%	1.92%	6.36%	13.15%	11.63%	15.52%	1.96
IRF-M	0.09%	1.93%	6.54%	15.88%	13.83%	23.39%	2.24
Ibovespa	-3.15%	-3.78%	12.52%	16.26%	19.50%	38.93%	-
IPCA*	0.35%	0.93%	1.13%	2.88%	2.57%	6.29%	-

RENDA VARIÁVEL - GLOBAL

Referências	nov-17	3M	6M	12M	2017	2016
S&P-500	2.81%	8.23%	9.78%	20.41%	17.71%	9.01%
Eurostoxx	-2.83%	5.36%	0.43%	16.99%	9.11%	-0.49%
MSCI - Global (US\$)	1.99%	6.80%	8.66%	21.33%	18.51%	4.57%
MSCI - Emergentes (US\$)	0.15%	3.66%	11.48%	29.90%	30.56%	8.46%
MSCI - Europa (US\$)	-2.25%	4.87%	-0.88%	12.66%	6.86%	-1.36%

RENDA FIXA - GLOBAL

Referências	nov-17	3M	6M	12M	2017	2016	Duration
Global - Soberano Desenvolvidos	1.45%	-1.14%	2.20%	5.99%	7.17%	1.52%	7.95
Global - Investment Grade Corporativo	0.66%	-0.09%	3.50%	8.82%	8.78%	4.03%	6.72
Global - High Yield Corporativo	0.09%	1.30%	3.56%	11.51%	9.79%	14.55%	3.81
Emerging Market - Corporativo (US\$)	0.21%	1.13%	3.25%	10.39%	9.28%	10.61%	6.57
EUA - Treasury	-0.14%	-1.03%	-0.04%	1.89%	2.22%	0.99%	6.11
Emerging Market - Soberano (US\$)	0.40%	1.19%	3.43%	11.07%	9.86%	9.58%	7.52

MOEDAS

Referências	nov-17	3M	6M	12M	2017	2016
Dólar Vs Real	-0.10%	3.27%	1.27%	-3.48%	0.44%	-17.79%
Euro Vs Real	2.04%	2.66%	7.19%	8.36%	14.01%	-21.12%
Euro Vs Dólar	2.22%	-0.57%	5.87%	12.42%	13.48%	-4.05%
Libra Vs Dólar	1.82%	4.70%	4.93%	8.15%	10.31%	-17.24%
Dólar Vs Iene	-0.97%	2.58%	1.59%	-1.68%	-3.43%	-3.30%

COMMODITIES

Referências	nov-17	3M	6M	12M	2017	2016
CRB - Commodities Global (US\$)	-0.42%	1.26%	1.11%	-1.97%	-1.63%	13.04%
CRB - Metais (US\$)	0.93%	3.94%	-3.53%	-7.39%	-7.07%	44.22%

* O IPCA utilizado no mês de referência trata-se da projeção do Relatório Focus do Banco Central.

Fonte: Bloomberg

Market Advisory Group

Rafael Nascimento Bisinha, CFP®
+55 (11) 3553-9496
rbisinha@santander.com.br

Arthur Yukio Sinzato, CFA
+55 (11) 3553-5034
asinzato@santander.com.br

Ricardo Aralios Neves
+55 (11) 3553-1250
rineves@santander.com.br



ESTAMOS CONECTADOS 24 HORAS, 7 DIAS POR SEMANA



**APLICATIVO
SANTANDER**



**APLICATIVO
WAY**



**SANTANDER
.COM.BR/PRIVATE**

PRIVATE DIRETO

Consultas, informações e transações.

3003 7750

(PRINCIPAIS CAPITAIS)

0800 723 7750

(OUTRAS LOCALIDADES)

55 (011) 3553 4156

(LIGAÇÕES NO EXTERIOR)

Das 8h às 24h, todos os dias, inclusive feriados.

ESCRITÓRIO PRIVATE

0800 702 1212

Dúvidas e informações.

De segunda a sexta, das 9h às 18h, exceto feriados.

SAC

Reclamações, cancelamentos e informações: **0800 762 7777**.

Atende pessoas com deficiência auditiva e de fala no 0800 771 0401.

No exterior, ligue a cobrar para:

55 (011) 3012 3336.

OUVIDORIA

Se não ficar satisfeito com a solução apresentada:

0800 726 0322. Disponível

de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, exceto feriados.

Atende pessoas com deficiência auditiva e de fala no 0800 771 0301.

Este material foi preparado pelo Banco Santander (Brasil) S.A. As informações, opiniões, estimativas e previsões nele contidas foram obtidas de fontes consideradas seguras pelo Banco Santander (Brasil) S.A., mas nenhuma garantia é firmada pelas fontes, pelo Banco Santander (Brasil) S.A. ou empresas a ele ligadas quanto a correção e integridade de tais informações, opiniões e estimativas, ou quanto ao fato de serem completas. Os investimentos nele apresentados podem variar de preço e valor. Os investidores poderão obter resultados inferiores ao seu investimento. A performance do passado não representa garantia de resultados futuros. Este material destina-se à informação de investidores e não constitui oferta de compra ou venda de títulos e/ou valores mobiliários. O Banco Santander (Brasil) S.A. e/ou suas empresas ligadas, poderão, eventualmente, possuir em carteira ou ter rendimentos relacionados a títulos e/ou valores mobiliários direta ou indiretamente referidos neste material. As aplicações em cotas de fundos de investimento somente poderão ser efetuadas com base no regulamento, no prospecto e no material publicitário de cada fundo. Os investimentos em fundos envolvem riscos e não contam com a garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo seguro, ou ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. As informações adicionais sobre os custos do produto estarão à disposição quando solicitadas. Os investimentos apresentados podem não ser adequados aos seus objetivos, situação financeira ou necessidades individuais. O preenchimento do formulário relativo à análise do perfil de investimento API – Análise de Perfil Santander é essencial para garantir a adequação do perfil do cliente ao produto de investimento escolhido. Leia previamente as condições de cada produto antes de investir.



A presente Instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para a Atividade de Private Banking no Mercado Doméstico.

ESTA PUBLICIDADE E/OU MATERIAL TÉCNICO SEGUE O CÓDIGO ANBIMA DE REGULAÇÃO E MELHORES PRÁTICAS PARA A ATIVIDADE DE PRIVATE BANKING. A VINCULAÇÃO DO SELO NÃO IMPLICA POR PARTE DA ANBIMA GARANTIA DE VERACIDADE DAS INFORMAÇÕES PRESTADAS.